

CM

Comunidade em Movimento

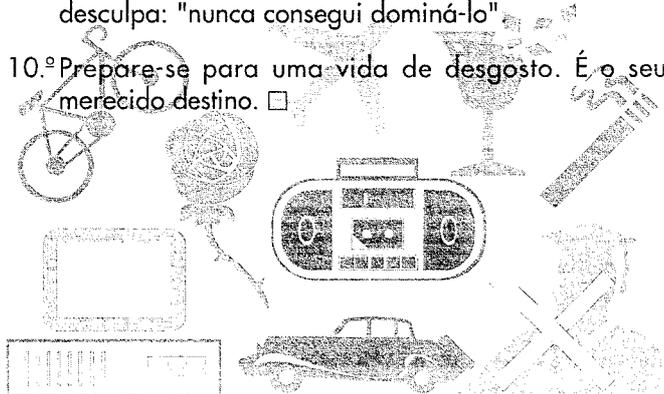
BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Director: Frei J. J. Gonçalves da Silva — ANO I — II Série — N.º 3 — 15 Janeiro 1994

COMO CRIAR UM DELINQUENTE: DEZ REGRAS FÁCEIS

Lista Preparada pelo Departamento da Polícia de Houston, Texas:

- 1.º Comece na infância a dar ao seu filho tudo o que ele quiser. Assim, quando crescer, ele acreditará que o mundo tem obrigação de lhe dar tudo o que ele desejar.
- 2.º Quando ele disser asneiras, ache graça. Isso fará considerar-se interessante.
- 3.º Nunca lhe dê qualquer orientação religiosa. Espere até que ele chegue aos 21 anos, e "decida por si mesmo".
- 4.º Apanhe tudo o que ele deixar espalhado: livros, sapatos, roupas. Faça-lhe tudo, para que ele aprenda a descarregar nos outros toda a responsabilidade.
- 5.º Discuta com frequência na presença dele. Assim não ficará muito chocado quando o lar se desfizer mais tarde.
- 6.º Dê-lhe todo o dinheiro que ele quiser. Nunca o deixe ganhar o seu próprio dinheiro. Porque terá ele de passar pelas mesmas dificuldades por que você passou?
- 7.º Satisfaça todos os seus desejos de comida, bebida e conforto. Negar pode acarretar frustrações prejudiciais.
- 8.º Tome o partido dele contra vizinhos, professores, polícias (Todos têm má vontade para com o seu filho).
- 9.º Quando ele se meter nalgum problema sério, dê esta desculpa: "nunca consegui dominá-lo".
- 10.º Prepare-se para uma vida de desgosto. É o seu merecido destino. □



EDITORIAL

SOLIDARIEDADE, PRECISA-SE!

Se não existissem no Mundo pessoas a morrer de fome e a miséria fosse apenas um eventual fragelo a haver, eu trocava, calmamente, este apontamento por uma carta "a quem de direito", reclamando mais trabalho e, portanto, mais pão para todos. Apressar-me-ia também a agitar a bandeira da distribuição equitativa dos rendimentos, desceria à rua para gritar revolta e integraria todas as comissões que visassem uma existência digna para o meu semelhante.

*Acontece que, sem prejuízo do esforço individual e colectivo para, de uma forma concertada, resolver o problema da miséria e, muito em especial, o da fome, a vida continua, para grande parte, a decorrer presa por um fio. Não adianta, em termos imediatos, "descansar" em teses à volta das sobras de uns e das carências de outros. O escudo do colectivo não pode esconder a passividade individual. Quer se queira, quer não, ainda há lugar para a solidariedade homem a homem. Aquele pobre com que me cruzei no metropolitano de Lisboa a abarrotar de gente e que, ante o alheamento quase geral, deixou escapar o lamento: "que tristeza!... Ninguém me dá nada!... Tenho fome...", não pode ouvir-se. Das duas, uma: ou se lhe diz **JÁ** onde pode comer uma sopa todos os dias, ou é preciso fazer com que, no metropolitano e noutros lugares públicos, os fofos assentos não coloquem as pessoas de costas para a porta, por onde também entram os que nada têm, a não ser chagas nas pernas, como o nosso irmão que, esfomeado, vi "revoltar-se" contra a indiferença dos que, comodamente, descansam nos Parlamentos para que votaram, mas esquecem o gesto discreto que ajuda a rasgar os caminhos da Eternidade. □*

Marcial Alves

HÁ UMA SAÍDA!

Falaremos de toxicodependência, por ser um dos grandes problemas da nossa época, que mais tarde ou mais cedo a todos nos vai envolvendo.

Contra o que muitos poderão imaginar, a toxicodependência (consumo de drogas), é tida internacionalmente como uma **doença de família**, de carácter **incurável** e **irreversível**, pensando-se actualmente que tenha origem genética.

Vejamos com o pormenor que nos é possível neste escrito tratar muito resumidamente estes conceitos, que para alguns causarão surpresa.

Doença de Família: o aparecimento de um ou mais drogados na família, além do carácter genético que possa existir (ainda não totalmente confirmado), advém de um conjunto de acontecimentos (comportamentos) internos ou exteriores à família, e que a atingem e condicionam, desencadeando situações, que a afastam do seu trajecto normal. Nas Sociedades Modernas, "em que tudo é oferecido a toda a gente", não há tempo nem espaço para um normal desenvolvimento dos filhos. Estes encontram ilusoriamente no exterior, a informação e os comportamentos, que nas gerações anteriores eram recebidos naturalmente num estável ambiente familiar. Estes factos, sem que os pais se apercebam, são geradores de personalidades diferenciadas e com traumatismos, que virão a ser compensados com o consumo de drogas. Quando os pais se apercebem já é muito tarde, e, mais grave, não têm conhecimento de base nem preparação para conviver com os novos comportamentos que surgem. Os pais geralmente recebem os filhos dro-

gados como uns viciados, desgraçados, gatunos, etc., numa atitude inconsciente de repulsa e que, a pouco e pouco, vão marginalizando, devido à luta oculta que se desencadeia com o filho ou filhos que precisam de dinheiro para consumo e os pais não querem ou não podem dar. Este acaba por ser, além de tudo o mais, o problema diário das famílias. Aos pais e demais familiares é difícil aceitarem os filhos consumidores como doentes que efectivamente também sofrem.

Os sintomas de consumo são inúmeros e, de certo modo, detectáveis: apego à cama, consumo exagerado de tabaco, afastamento da família, colocar o grupo dos companheiros acima de tudo, o desinteresse pelo estudo, as saídas "obrigatórias" de noite, a maneira como vestem, a modificação da expressão facial, etc..

Como é que os familiares se poderão defender? A experiência veio do estrangeiro e já está instalada em Portugal.

As **Famílias Anónimas** constituem uma associação livre onde os pais dos adictos (consumidores) partilham as suas experiências. Através de reuniões semanais seguindo uma metodologia apropriada, confrontam-se uns com os outros, de modo a que cada um aproveite o que achar melhor para o seu caso.

Incurável: está provado que quem consumiu durante largo período de tempo, criou naturalmente apetência para o consumo, devido à habituação que ao longo do tempo o organismo espontaneamente criou. O adicto pode efectivamente deixar de consumir, no entanto, a apetência mantém-se e ao menor descuido volta a consumir.

Irreversível: o drogado "nunca mais" volta à situação inicial. O "pecado" foi cometido e vai suportá-lo pela vida fora, estando sempre consciente desta realidade.

Qual é então a saída que nos apresenta?

O primeiro aspecto a considerar é o consumidor atingir o grau de consciência da sua situação e como tal desejar modificá-la. Em minha opinião, é a condição fundamental. Existem já no nosso país os **Narcóticos Anónimos**, que são reuniões de consumidores ou ex-consumidores, que também através da partilha, põem em comum as suas preocupações, recebendo o que lhes parece mais apropriado ao seu estado de consumidores. Estas reuniões seguem uma orientação particular e obviamente não têm carácter político nem religioso.

Em Santo António dos Cavaleiros, dada a dimensão da toxicodependência, em que o número de mortes tem vindo a aumentar preocupantemente, foi solicitada a criação de um grupo de Narcóticos Anónimos, que reúne todos os sábados às 19.30h numa das salas que a Igreja disponibilizou.

Para que se alcance o rendimento devido com este tratamento, e dado que é uma doença de família, é conveniente que os pais frequentem as reuniões de Famílias Anónimas e os filhos as dos Narcóticos Anónimos, e nestas reuniões os presentes são mesmo **anónimos**.

Deseja-se com este **alerta**, mobilizar pais e filhos para uma nova vida liberta de escravidão, possibilitando um caminho novo, que vale a pena percorrer. □

TERCEIRA IDADE...

OU A IDADE DA SABEDORIA?...

Nunca se ouviu falar tanto da terceira idade e da juventude como agora!

Parece até que provocam um certo antagonismo entre estas duas idades. Porque não uma aproximação? Porque dão muitas vezes a entender que é impossível o diálogo? Ambos precisam uma da outra. É necessário, é urgente que este mal entendido desapareça, a fim de se dar a junção entre as duas gerações.

Muitas vezes, os que depreciativamente falam da «terceira idade» esquecem-se de que eles deram o seu melhor na construção da sociedade, como chefes de família, no crescimento de uma empresa, na escola, na pesquisa científica, na labuta sol a sol, para tirar os produtos da terra, na doação ao irmão... Todas as idades têm o seu valor específico. Seria bom que se ensinasse aos jovens o respeito que se devia ter pelas pessoas idosas. Dar-lhes mesmo a possibilidade de se sentirem ainda úteis. Porque não chamá-los para executarem pequenas tarefas? Ajudava-os assim a superar a solidão nostálgica de um passado que não volta mais.

Jovens, sede generosos! Ouvi os da Idade da Sabedoria! Ultrapassai o egoísmo desta sociedade que se esquece de que amanhã sereis vós os homens e as mulheres da «terceira idade»!

Lembro uma passagem da exortação apostólica de João Paulo II *Critifideles Laici*: «A Bíblia gosta de apresentar o idoso como o símbolo da pessoa cheia de sabedoria e temor a Deus (cf. Sir 25,4-6). Nesse sentido, o "dom" do idoso poderia identificar-se com o de ser, na Igreja e na Sociedade, a testemunha da tradição da fé (cf. Sl 44,2; Ex. 12,26-27), o mestre da vida (cf. Sir 6,34; 8,11-12), o obreiro da caridade» (n.º 48).

Está a terminar o ano internacional do idoso. Que se fez? Que se propõe fazer? Temos que nos preocupar, primeiro que tudo, com a Família base fundamental de uma sociedade. Dar à Família o lugar que lhe compete, na formação, na educação, na instrução, para que, num futuro próximo, homens e mulheres saibam discernir o que é bom e o que é mau, para caminharem bem seguros da finalidade das suas vidas. Saberem por em prática os dons gratuitos de Deus.

Só dando à família a primazia teremos homens e mulheres bem formados para que, daqui a uns anos, jamais se vejam, eles e elas, atirados como coisas que não produzem, para lares donde ninguém os entente, ridicularizados, esperando numa solidão desesperante o alívio da morte.

É urgente investir neste grande desafio do século, a fim de se evitar o que se passa actualmente na nossa sociedade, onde a força do mal, sem muitos darem por isso, os estão a corromper.

Para que a corrupção não avance, temos todos que lutar, empenharmos-nos, famílias, escolas, comunidades, movimentos... Não é tarefa fácil, mas é necessário que haja uma mudança de mentalidades, uma renovação na sociedade. □

Maria Alice Silva Ferreira (in) Folha de Ligação Pastoral

O INCIVILIZADO MUNDO CIVILIZADO

"Os homens viajam para admirar a grandiosidade das montanhas, as poderosas vagas do mar, o longo curso do rio, a vastidão dos oceanos e o movimento circular das estrelas e, contudo, passam uns pelos outros sem se verem."

Santo Agostinho

Com quase um quarto do século já de existência (não sou assim tão velho), é ainda do meu tempo, de criança rábida e brincalhona, a obrigação e o dever moral e social de cumprimentar aqueles, mais velhos e respeitosos, que por mim passavam. Quase sempre era correspondido e quando o não era não faltava, como resposta uma picadela de olho ou uma festa na cabeça.

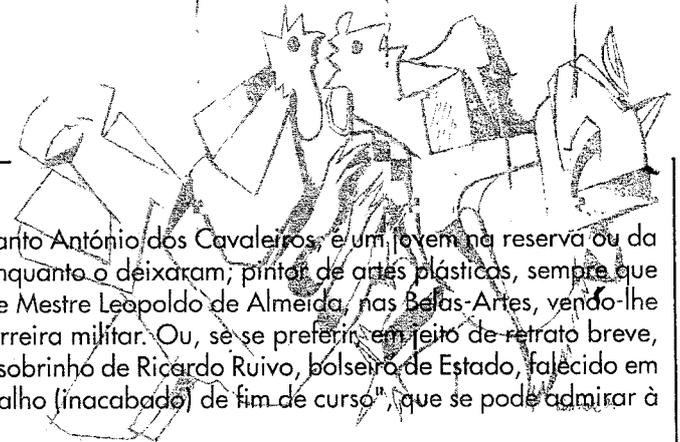
Hoje em dia, confesso, já se me torna difícil cumprir estes e outros (cada vez menos) preceitos. Mergulhado que estamos nesta "Cidade", onde insistimos em viver a uma velocidade perigosamente alucinante, na qual os minutos se consomem, ávidos, uns atrás dos outros, para nada parece haver tempo a não ser para nos esquecermos daqueles que estão ao nosso lado e deixarmos para trás as regras da boa e cívica educação, que em tempos recebemos dos nossos pais.

Não nos podemos admirar, nos dias que passam, que ouvir um "bom dia", ou outro qualquer cumprimento, seja coisa rara; não nos pode surpreender que se assista a cenas entre pessoas que se chocam e se atropelam na rua sem se desculparem; não nos é de espantar que as "gentes" apressadas não se preocupem em nos empurrar para entrar primeiro no autocarro, nem pedir licença para se sentarem ao nosso lado. Nada disto é de estranhar neste nosso "admirável mundo novo".

Que curioso não seria observar a atitude de alguns dos nossos egrégios antepassados se os pudessemos colocar agora numa qualquer paragem de autocarro ou numa estação do metropolitano? Com certeza não nos surpreenderia o ar de espanto e de tristeza desses portugueses antigos, sempre amáveis e receptivos, paladinos da civilidade, que outrora souberam dar "mundos novos ao Mundo".

E nós, hoje em dia, que mundo nos estamos a dar? Que nos falta descobrir senão nós próprios como sociedade humana? Que incivilização é esta que estamos a querer construir? Que nos resta afinal? Enfim, como sempre esperar que o homem acerte e abrande o passo. □

António Barreiros



SOMAR

António Ruivo Ramos, 75 anos de idade e 25 de Santo António dos Cavaleiros, é um jovem na reserva ou da reserva (cultural) do nosso bairro. Major no activo, enquanto o deixaram; pintor de artes plásticas, sempre que pode; frequentador de Arquitectura, no tempo em que Mestre Leopoldo de Almeida, nas Belas-Artes, vendo-lhe o traço firme, o queria impedir, em vão, de seguir carreira militar. Ou, se se preferir, em jeito de retrato breve, chamem-no pelo pseudónimo (Somar) e vejam nele o sobrinho de Ricardo Ruivo, bolseiro de Estado, falecido em Paris, "por esgotamento, enquanto pintava o seu trabalho (inacabado) de fim de curso", que se pode admirar à entrada da Sala de Pintura, na ESBAL.

António Ruivo Ramos, ou Somar, é, em síntese, um de nós, mas dos melhores, que domina o lápis e a cor — com humildade exemplar.

Por isso mesmo, a propósito do homem, a achega — para que conste: chamado a colaborar na defesa de Timor, ocupada, primeiro pelos japoneses, depois pelos australianos, Ramos Ruivo deixa Belas-Artes e, após escalas várias, fixa-se naquele território durante ano e meio, no cumprimento de uma missão militar. Isto é, Timor ganha um patriota, mas acaba por desviar um potencial arquitecto — sem destruir o artista. Que, doente, continua a pintar e a estar presente nesta sua outra casa, aqui na Igreja do nosso bairro, nomeadamente, num estudo a óleo sobre a figura de Santo António.

Longa vida, Somar! □

Marcial Alves

JANEIRAS

A Igreja Católica celebra com especial atenção e solenidade as duas grandes manifestações cristãs que integram o ciclo Vida/Morte/Ressurreição da sua doutrina: o Natal e a Páscoa.

Em ambas as ocasiões, a tradição popular — no nosso Portugal e não só — leva a mensagem salvífica de porta em porta, numa ânsia apostólica não poucas vezes misturada com rituais pagãos.

Na Páscoa é a visita pascal, o compasso, que anuncia a ressurreição redentora de Jesus Cristo de casa em casa àqueles que queiram abrir suas portas e seus corações à anunciada Salvação.

Pelo Natal, festa intimamente ligada ao início de um novo ano, que promete e espera sempre uma vida nova — também a do Homem Novo cumprido no mesmo Cristo todos os anos renascido e em cada cristão, através do Espírito Santo — o anúncio dessa Boa Nova de Esperança e Alegria é feito, entre outras manifestações, pelo canto das Janeiras.

Também chamadas de Janeiradas no nosso Alentejo, é esta tradição — que se solveu com uma outra pagã do Ano Novo de julgar os vizinhos ou fregueses em cantigas de escárnio e maldizer (ou bemdizer) — uma mescla de julgamento pagão e de colecta para as confrarias ou obras a cargo da comunidade cristã local.

Neste contexto e sabedores de que a zona territorial abrangida pela Paróquia tem em muitos dos seus habitantes gente oriunda de aldeias e vilas do Portugal rural, onde a tradição é festa rija, ocasião de convívio fraterno em que a crítica social é tolerada e de partilha hospitaleira abun-

dante, foi tido por bem, por um grupo de paroquianos, apoiados pelo e no seu Prior, ir por alguns pontos da freguesia cantar as Janeiras, anunciando que nasceu (também este ano e aqui neste lugar) um Menino que, acreditamos, nos salva da nossa miséria humana, um Menino Deus que promete redimir as nossas muitas culpas e desacertos, e receber os óbulos de todos os que, quais reis magos, se quiseram unir a uma obra que está votada a esse Menino, obra nascente à sombra da sua Igreja: o Centro Social.

O acolhimento foi além do esperado, sendo, no entanto, sempre pouco, tamanhas são a notícia e a obra!

Viu-se a alegria dos mais velhos em reviver a tradição, viu-se o espanto dos mais novos, desconhecedores ou desconfiados, quer da mensagem, quer da obra e seus fins. Mas esteve sempre presente o respeito de uns e de outros, aqueles à coragem deste empreendimento, estes últimos ao descaro de anunciar o (re) nascimento de um Cristo que lhes dizem todos os dias, noutros lugares e por muitas formas, estar morto e enterrado.

As Janeiras em 1994 em Santo António dos Cavaleiros foram cristãs e pagãs, para crentes, ateus, agnósticos e desinteressados e de todos, cada um de sua maneira, receberam a oferta da hospitalidade e do óbulo social.

Cumpriu-se a missão de evangelizar e de ser alegres.

Deus seja louvado, que para o ano Jesus renascerá outra vez!

José Rodrigues

RESUMO DAS LEITURAS DOMINICAIS

16 DE JANEIRO — 2.º DOMINGO DO TEMPO COMUM

"Vinde ver" — Jo. 1,39

1.ª Leitura: 1Sam. 3,3-10.19

Acorda. Acorda. A voz que te desperta.

É a voz do teu Senhor a interpelar-te.

2.ª Leitura: 1Cor. 6,13-15.17-20

Olha p'ra ti e dá-te como oferta

Ao Deus que quis, morrendo, resgatar-te.

3.ª Leitura: Jo. 1,35-42

E quando no caminho o Mestre vires

Atende-lhe o convite de O seguires.

23 DE JANEIRO — 3.º DOMINGO DO TEMPO COMUM

"Arrependei-vos e acreditai na Boa-Nova" — Mc. 1,15

1.ª Leitura: Jn. 3,1-5.10

Deixa o comportamento indesejável.

Caminha pela estrada da virtude.

2.ª Leitura: 1Cor. 7,29-31

O tempo é breve e a vida sempre instável

Conduz a um final amargo e rude.

3.ª Leitura: Mc. 1,14-20

P'ra teres nesta vida a melhor prova

Arrepende-te e crê na Boa-Nova.

AGENDA

18 DE JANEIRO

Início do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos.

20 DE JANEIRO

21.30 H - Ultreia dos Cursos de Cristandade.

21 DE JANEIRO

21.30 H - Reunião da Juventude Carmelita.

25 DE JANEIRO

Recolha de Sangue nas Instalações da Igreja Paroquial.

16.00 H - Reunião Extraordinária do Conselho Pastoral Paroquial.

28 DE JANEIRO

21.30 H - Formação de Adultos:

- Com base no Catecismo da Igreja Católica.
- Deveres dos Membros da Família.
- A Família e o Reino de Deus.

30 DE JANEIRO

14.00 H - Jornada de Catequistas da Vigararia de Loures no Salão Paroquial de Santo António dos Cavaleiros.



Coordenador:
Marcial Alves

Colaboradores:
António Barreiros
Euclides Ferreira
Ana Amaro Nunes
José Rodrigues

Propriedade:

FÁBRICA DA IGREJA
PAROQUIAL DE SANTO
ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
Morada: Av. Francisco Pacheco
2670 LOURES - Tel.: 988 43 66

Composição e Montagem:
ESTÚDIO 1B - Prod. Gráficas, Lda.

Impressão:
OLEGÁRIO FERNANDES, S.A.

Tiragem: 3000 Exemplos
Publicação quinzenal